



Concertos  
H. STERN  
1989



Clara Sverner e Paulo Moura

Clara Sverner e Paulo Moura nasceram em São Paulo, mas há muito tempo vivem no Rio de Janeiro. Alguns pontos em comum unem suas carreiras. Ambos iniciaram-se na música ainda crianças. Os dois têm sólida formação musical, carreiras sólidas no Brasil e já pontuam o cenário musical internacional.

O mais importante ponto de união é, entretanto, o interesse e a paixão com que se dedicam a trilhar o caminho da música através da pesquisa de autores e obras pouco convencionais e através da formação de conjuntos pouco usuais.

Esta paixão comum levou-os a formar o duo de saxofone e piano em 1982, trazendo a público o repertório existente, para provocar os compositores mais proeminentes do Brasil a escreverem para esta formação e para tornar acessíveis, graças a arranjos bem cuidados, peças do repertório erudito e popular brasileiro.

O sucesso do duo fez-se sentir desde cedo. Já são mais de uma centena os recitais que realizaram por todo o Brasil, nas mais importantes salas de concerto, na televisão e no rádio. Os discos gravados já são três, mas há outros planejados. Os prêmios recebidos são muitos e os destaques nos "melhores do ano" são obtidos em todas as publicações. O mais recente recebido, em 1987, foi o da Associação Brasileira de Produtores de Discos, que considerou seu disco "Você Vivendo" como o "melhor disco instrumental" (Troféu Villa-Lobos). "Revivendo Pixinguinha", disco que mereceu grande aplauso da crítica em 1988, dá tema a esta apresentação do Duo Clara Sverner e Paulo Moura numa sincera e comovente homenagem ao velho e bom Pixinguinha.



## 1ª PARTE

Você Vivendo  
Marreco quer Água  
Lamento  
Naquele Tempo  
Proezas de Solón  
Soluções

## 2ª PARTE

Glória  
Oito Batutas  
Rosa  
Um a Zero  
Carinhoso

H. STERN Joalheiros  
têm o prazer de convidar

para a apresentação de

Clara Sverner e Paulo Moura

dentro da série de Concertos H. STERN 1989

dia 22 de agosto, às 21h

no Espaço Cultural H. STERN,  
na Rua Visconde de Pirajá, 490-3º andar,  
Ipanema — Rio de Janeiro

Este convite é individual.  
Queria, por gentileza,  
apresentá-lo à entrada.

ESPAÇO CULTURAL H. STERN — LES SARNET

# Concertos H. STERN 1989

## SÉRIE POPULAR

Junho — 20 e 21

Elizeth Cardoso e Baden Powell  
Revivendo VINÍCIUS

Julho — 18

Márisa Gata Mansa e Gilson Peranzetta  
Revivendo ARY BARROSO

Agosto — 22

Clara Sverner e Paulo Moura  
Revivendo PIXINGUINHA

## SÉRIE ERUDITA

Setembro — 19

Roberto de Regina e Canarinhos de Petrópolis  
BACH

Outubro — 17

Antônio Guedes Barbosa  
BEETHOVEN

Novembro — 21

Duo Lílian Barreto e Paulo Bosisio  
convitado especial David Chew  
BRAHMS

Os Concertos H. Stern 89 serão divididos em duas séries distintas. A primeira, intitulada "Série Popular", prestará homenagem a três compositores responsáveis por grandes momentos de nossa música: Vinícius de Moraes, Pixinguinha e Ary Barroso. Esta série é uma contribuição de H. Stern ao resgate de nossa memória musical, para que ela não se perca e nem fique restrita a livros e arquivos. Três autores distintos e que se mesclam: um já foi parceiro do outro como em "Lamento" (Pixinguinha e Vinícius) ou "Rancho dos Namorados" (Ary e Vinícius). Cada um deixou sua marca com pelo menos uma obra-prima. O mundo inteiro canta "Carinhoso" de Pixinguinha, a "Garota de Ipanema" de Vinícius e "Aquarela do Brasil" de Ary Barroso.

Vinícius de Moraes, o "poetinha", foi um dos mentores da transformação de nossa música no final dos anos 50, com o surgimento da Bossa Nova. Sua interminável galeria musical, recheada de parceiros do calibre de Tom Jobim, Carlos Lyra, Baden Powell, Toquinho e outros, contém preciosidades como "Chega de Saudade", "Eu não existo sem você", "Serenata do Adeus", "Estrada Branca". Era poesia que transbordava por todos os lados.

Pixinguinha foi contemporâneo de Donga, João da Bahiana, Sinhô e Anacleto. Era frequentador assíduo do antigo Bar do Gouveia, no centro do Rio de Janeiro, numa época em que a cidade ainda era boêmia e menos violenta. Chamado de "São Pixinguinha", em vida, pelo encanto de suas músicas, Alfredo da Rocha Viana Filho fez sua primeira composição em 1910 — "São João Debaixo D'água". Depois organizou seu próprio conjunto "Os Oito Batutas" com o qual excursionou por países da Europa. Sua vida foi um poema. Pixinguinha é considerado por muitos críticos como a maior figura da música brasileira de todos os tempos. Suas músicas chegaram ao coração do povo. "Carinhoso", por exemplo, já foi gravada em várias partes do mundo.

Dos três, Ary Barroso foi o mais polêmico. Introdutor dos programas de calouros na época dourada do Rádio, teve seu repertório cantado por grandes nomes da MPB. Sua mais famosa, "Aquarela do Brasil", está comemorando 50 anos em 89. "Na Baixa do Sapateiro", "O Quê Que a Baiana Tem?" e "Você já foi à Bahia?" foram cantadas até em filmes de Hollywood e, no entanto, o Brasil não o reverencia tanto quanto merece.

A partir de setembro, o Espaço Cultural H. Stern promove a Série Erudita, focalizando os três grandes "bês" da música: Bach, Beethoven e Brahms. Herdeiro de longa tradição polifônica no Ocidente, Bach assumiu plenamente a grande revolução do século XVII. Sua originalidade essencial não se manifestou através da criação de formas e gêneros novos, mas retomando o legado de seus antecessores, alargou-os consideravelmente tanto sob o plano da estrutura quanto da expressão, levando-os à máxima perfeição e universalidade. Beethoven é, sem dúvida, o compositor que mais inflama a nossa fantasia. Tanto do ponto de vista humano quanto artístico. Tanto nas sonatas como nas sinfonias, nas quais observamos com mais nitidez sua transição do classicismo para o romantismo. Nele, encontramos desde composições acadêmicas, à moda de Haydn, até o completo rompimento da forma e sua aproximação à fantasia livre.

Quando tudo parecia já ter sido dito no Romantismo, em meados do século XIX, surge outro grande nome que, também, foi uma marca indiscutível no "vanguardismo" da música. Além do grande fascínio que Brahms tinha pelos antigos, notamos a influência da Itália e dos ciganos em sua música. Ele consegue, como nenhum outro de sua época, estabelecer relações entre a música mais elaborada com a de origem popular.

Eli Maria Rocha Antônio Abreu

CEPARJ

REGISTRO NO MINISTÉRIO DA CULTURA Nº 33003621/87-15